

SALTAR/SOLTAR DO ÔNIBUS: UMA ABORDAGEM COGNITIVA À ESCOLHA LEXICAL

Janderson Lemos de Souza*

RESUMO: Neste artigo, apresento três motivações semânticas para a co-ocorrência, no português brasileiro, dos verbos “soltar” e “saltar” em relação a meios de transporte (como ônibus, trem e metrô) à luz da Linguística Cognitiva. A partir do conceito de esquema imagético, a primeira motivação diz respeito à trajetória do movimento do corpo no espaço; a segunda, à relação entre o corpo e o espaço; e a terceira, à duração do movimento do corpo no espaço. Antes, faço considerações sobre as concepções de léxico.

PALAVRAS-CHAVE: semântica lexical, esquema imagético, Linguística Cognitiva

1. INTRODUÇÃO

É conhecida dos falantes mais escolarizados do português do Brasil a reprovação normativa a que se diga “soltar do ônibus” ou de qualquer outro meio de transporte. Segundo a visão normativa sobre a língua, deve-se dizer “saltar do ônibus”, e os falantes cultos não devem se deixar enganar pela semelhança fonética entre o verbo “certo” e o verbo “errado”, sob pena de sofrerem preconceito linguístico. Estes, por sua vez, capazes de ajustar a fala e a escrita ao que recomenda a norma, são levados a crer que só se possa saltar do ônibus.

Contrariamente à expectativa criada pela norma, pretendo aqui apresentar, segundo a Linguística Cognitiva, três motivações semânticas para a co-ocorrência dos verbos “soltar” e “saltar” no contexto em questão, onde cada um corresponderia a uma perspectivização da cena cognitiva. O pressuposto fundamental é que:

“(...) a perspectiva adotada para a conceptualização de uma cena é denominada ponto de vantagem (PV). As expressões ‘na frente’ e ‘atrás’, por exemplo, costumam ser interpretadas, tomando-se a localização do falante como ponto de vista implícito. (...) O que se verifica, portanto, é que não é simplesmente o cenário descrito que determina as escolhas linguísticas, mas o ponto de vista adotado pelo falante, ou ainda, o ponto de vantagem para o qual o falante se projeta mentalmente.” (Ferrari: 2009: 14-15)

* Professor Adjunto I de Língua Portuguesa (Área de Estudos da Linguagem). E-mail: janderson.souza@hotmail.com

Neste artigo, estou situando “as escolhas linguísticas” no âmbito do léxico, o que me convida a tecer considerações sobre concepções de léxico, com destaque para a que compartilha os pressupostos da Linguística Cognitiva.

2. CONCEPÇÕES DE LÉXICO

Passo, então, a discutir uma concepção cognitivista de léxico, em comparação com outras e as respectivas concepções de gramática. Aliás, a própria distinção entre léxico e gramática já merece ser discutida, apesar de, no mais das vezes, ser simplesmente pressuposta, dada a influência da proposta de distinção, colocada nos seguintes termos:

“Já que toda forma complexa é inteiramente feita de morfemas, uma lista completa de morfemas daria conta de todas as formas fonéticas de uma língua. O estoque total de morfemas numa língua é seu léxico.” (Bloomfield: 1933: 162)

“Os arranjos com sentido de formas numa língua constituem sua gramática.” (Bloomfield: 1933: 163)

A formulação da distinção entrou definitivamente para a história da Linguística e está por trás do conceito de lexicalização como perda de transparência morfossemântica, já que “o estoque total de morfemas” se caracteriza pela irregularidade enquanto “os arranjos com sentido” só o são porque se caracterizam pela regularidade. Inicia-se, assim, uma tradição em que o modelo de análise morfológica é o Item e Arranjo – “(...) em que morfemas são as unidades básicas de significado arranjadas linearmente (...)” (Matthews: 1974: 21) –, sendo o item o morfema, os processos de formação de palavras inteiramente concatenativos e o léxico considerado à parte da gramática estruturalista, concebida como o total dos arranjos dotados de sentido.

Tal tradição atinge a formulação mais eloquente em Di Sciullo & Williams (1987), segundo os quais:

“Se concebido como o grupo de listemas, o léxico é incrivelmente tedioso por sua própria natureza. Ele contém objetos que não são de um único tipo especificável (palavras, SVs, morfemas, talvez padrões entoacionais, entre outros), e esses objetos estão lá porque falham em conformar-se a regras interessantes. O léxico é como uma prisão – contém somente os fora-da-lei, e a única coisa que seus habitantes têm em comum é a condição de fora-da-lei.” (p. 3)

Agora temos o léxico também em oposição à gramática, só que à gramática gerativa, onde, na concepção desses autores no estado em que a Linguística Gerativa se encontrava no fim da década de 1980, não há lugar para uma Teoria Lexical, já que não tem cabimento uma teoria sobre uma mera lista dos itens que só têm em comum a não-conformação a regras:

“Outra visão que rejeitamos é a de que o léxico tem estrutura. Como mencionado, o léxico é simplesmente uma coleção dos fora-da-lei, e nem pode nem deve haver uma teoria diretamente relacionada a ele, já que só pode ser entendido nos termos das leis que falha em obedecer. Isso não equivale a dizer que o espaço das palavras numa língua não é estruturado – na verdade, o espaço das palavras tem uma rica estrutura, imposta, antes, pelas regras de formação de palavras (...).” (p. 4)

Dessa forma, como os próprios autores explicitam, o léxico não tem a ver com as regras de formação de palavras. “O espaço das palavras numa língua” é dentro da gramática, especificamente no componente morfológico, e não fora, integrando o léxico.

Essa concepção de léxico e gramática é diametralmente oposta à que Basilio (1987, 2004) defende, como deixa claro o título de seu *Teoria Lexical*, onde o léxico é definido como “(...) um depósito de signos, uma lista de entradas lexicais, além de um conjunto de regras que definem a classe das palavras possíveis na língua (...)” (Basilio: 1987: 25). Nessa definição, “um conjunto de regras” garante o predomínio da regularidade no léxico, por isso mesmo integrado à gramática gerativa, e preserva-se o modelo de análise Item e Processo, “(...) em que a estrutura de uma palavra é especificada por uma série de operações (...)” (Matthews: 1974: 22).

Em artigo mais recente, a autora define o léxico como “(...) um sistema dinâmico de produção e armazenagem de formas simbólicas, isto é, formas que evocam significados” (Basilio: 2004: 50). Nessa definição, explicita-se a visão não-entitativa de significado das formas simbólicas, visto que evocam, e não portam, significado, e “um sistema dinâmico” se mantém caracterizado pela regularidade com que produz e armazena.

Nessa concepção de léxico e gramática, entende-se que o léxico abriga processos e regras de formação de palavras, de modo a produzir e armazenar formas simbólicas, e entrega seus produtos à sintaxe. Não se pode esquecer, contudo, que o desenvolvimento da Linguística Gerativa é refratário à propositura de modelos em que o léxico tenha lugar central, haja vista a concepção de Di Sciullo & Williams (1987). Em momento mais recente da Linguística Gerativa, propõe-se um modelo em que a sintaxe participa da formação de palavras juntamente com a fonologia e a morfologia, esvaziando-se o papel do léxico:

“Chamamos nossa abordagem Morfologia Distribuída para enfatizar que a maquinaria do que tradicionalmente tem sido chamado morfologia não está concentrada num único componente da gramática, e sim distribuída entre diversos componentes diferentes. Por exemplo, ‘formação de palavras’ – a criação de núcleos sintáticos complexos – pode se dar em qualquer nível da gramática por meio de processos como movimento de núcleo e adjunção e/ou fusão de núcleos adjacentes estruturalmente ou linearmente.” (Halle & Marantz: 1993: 111-112)

“Essa abordagem puramente sintática à formação de palavras contrasta com abordagens em que a (aparente) estrutura hierárquica das palavras é totalmente extrassintática ou em que é o resultado da operação de blocos de regras morfofonológicas, ou de padrões morfológicos, ou de ordenamento nivelado no léxico, ou de molduras de subcategorização lexical etc.” (Halle & Marantz: 1994: 275)

Novamente, a formação de palavras não está no léxico, mas agora também não está estritamente na morfologia, e sim distribuída entre os componentes da gramática. Em vez de oposição entre léxico e gramática, há somente gramática.

Finalmente, a concepção de léxico e gramática em que se insere nossa abordagem à co-ocorrência dos verbos “soltar” e “saltar” em relação a meios de transporte: aquela em que “Palavras são vistas como construções, e o significado lexical é uma rede intrincada de molduras conectadas” (Fauconnier & Turner: 2006: 303). Nessa concepção, a gramática é considerada como semanticamente motivada, a polissemia prevalece sobre a homonímia, e dicotomias como léxico/gramática dão lugar a um *continuum* que não teria lugar segundo a categorização aristotélica:

A polissemia é uma forte evidência de que categorizamos, pelo menos na maior parte das vezes, não na forma de condições individualmente necessárias e conjuntamente suficientes e, portanto, não à maneira das chamadas categorias clássicas, mas na base de protótipos, tal como têm sido entendidos e estudados pela Psicologia Cognitiva e pela Semântica Cognitiva, através da semântica do protótipo. Se a categorização se processasse na base de propriedades comuns e segundo o princípio aristotélico do “terceiro excluído”, pelo qual uma entidade ou coisa ou não possui determinada característica, ou pertence ou não pertence a determinada categoria, então a infinidade e diversidade de coisas, processos, relações, etc. que constituem o nosso mundo exigiria não só categorias monossêmicas ou, pelo menos, mais simples, como também um número infinitamente superior de categorias, o que garantidamente comprometeria a aprendizagem e o uso de uma língua. A naturalidade e frequência com que a maior parte das categorias tende para o sentido múltiplo mostra bem como elas se estruturam à volta de um centro prototípico; como diferentes ‘coisas’ se podem assemelhar, de diferentes modos, ao protótipo e assim serem integradas numa mesma categoria; e como a pertença a uma categoria não requer a verificação de todas as propriedades ‘esperadas’, donde os seus membros não precisarem de partilhar um conjunto de propriedades comuns. (Soares da Silva: 2006: 297)

É nessa rede intrincada que Soares da Silva (2006) propõe sua análise do verbo “deixar” e aqui proponho que se aborde a escolha do verbo “soltar” no contexto em questão. Em vez de dar conta da polissemia do verbo, limito-me a apontar seu esquema imagético como fonte não somente de sua escolha no referido contexto, como também de sua relação com os verbos “largar”, “pegar” e “prender” na rede em que se conectam.

3. OS ESQUEMAS IMAGÉTICOS DOS VERBOS “SALTAR” E “SOLTAR”

Segundo Gibbs & Colston (1995: 347), os esquemas imagéticos são “gestalts experienciais [...] que emergem a partir da atividade sensorio-motora, conforme manipulamos objetos, orientamo-nos espacial e temporalmente e direcionamos nosso foco perceptual com diferentes propósitos.” Para Soares da Silva (2006: 185):

“(...) são padrões imaginativos, não-proposicionais e dinâmicos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objectos e de interacções perceptivas. Eles apresentam uma estrutura interna, ligam-se entre si através de transformações e podem ser metaforicamente elaborados para a conceptualização de conceitos abstractos.”

Trata-se, portanto, do conceito que remete diretamente à base experiencial da Hipótese da Corporificação que orienta a Linguística Cognitiva e convida o linguista a refletir sobre a afinidade desta ao empirismo ou, como prefere Lakoff (1999), à fenomenologia.

Diante desse conceito, parece-me que o EI de “soltar” difere do de “saltar”. O primeiro é o de distanciamento de um corpo (□) em relação a um ponto de referência (●): ● → □ (como em *soltar o copo, soltar a mão do outro, soltar o leão da jaula*). O corpo que é solto é liberado de um recipiente pela ação de um sujeito e, assim, entra em movimento causado. O segundo é o de movimento ascendente (↗) (como em *saltar do chão para o muro*), descendente (↘) (como em *saltar do 5º andar*) ou ascendente e então descendente (↗ ↘) (como em *saltar com vara nas Olimpíadas*). Pressupondo que existam dois EIs a distinguir entre dois tipos de verbo de movimento, defendo que se aplicam à cena em que alguém sai de um meio de transporte tanto o de movimento descendente, característico do verbo “saltar”, quanto o de distanciamento para a mobilidade, característico do verbo “soltar”. A escolha do verbo “saltar” perspectiviza a cena enfocando que o sujeito faz um movimento ascendente, ascendente e descendente ou descendente em relação a um ponto de referência, enquanto a escolha do verbo “soltar”, que é causativo, perspectiviza a cena enfocando que o sujeito libera o objeto (leão) para se afastar do ponto de referência (jaula). Assim, a cena em que alguém sai de um ônibus pode ser concebida de duas formas: o sujeito pode fazer um movimento descendente em relação ao ônibus (*saltar*) ou o sujeito pode causar seu próprio movimento descendente para se afastar do ônibus (*soltar*).

Essa distinção entre esquemas imagéticos permite relacionar “soltar” e “largar”, já que, conforme Soares da Silva (2006: 191) compartilham com “deixar” o EI “não se opor ao que é dinâmico”. No entanto, parece-me que indicam diferentes fins da não-oposição/ liberação: a liberação de “soltar” é para a mobilidade enquanto a de “largar” é para o desvencilhamento. Por isso, é possível *soltar* ou *largar o copo*, já que se pode soltar o copo para que caia ou largar o copo para não queimar a mão, *soltar o bebê* [para que engatinhe] ou *largar o bebê sozinho* [e expô-lo a risco], *soltar* [para que amadureça] ou *largar* [para que sofra] um filho no mundo. Mas não é possível *largar o leão da jaula*, *largar os presos da penitenciária* (a menos que se viesse cuidando deles e se decidisse não mais) nem *largar gases* (a menos que seja deixar para trás alguns gramas de antrax no metrô de Tóquio).

A segunda motivação para a co-ocorrência de “saltar” e “soltar” no contexto em questão diz respeito à relação entre o corpo e o espaço, e não à trajetória do corpo no espaço. O EI que caracteriza o verbo “saltar” pressupõe independência do corpo, ou seja, o que salta é livre de antemão. Já o EI que caracteriza o verbo “soltar” pressupõe dependência, ou seja, o que se solta só é tornado livre se

afastado do ponto de referência, que pode ser explícito (como em *soltar o leão da jaula*, *soltar os presos da cela*, *soltar um refém do cativoiro*, em que o foco é sobre o ponto de referência – a jaula, a cela, o cativoiro – tomado como continente) ou implícito (como em *soltar o corpo*, *soltar gases*, *soltar a porta [para que bata ou feche]*, *soltar o carro [para que o flanelinha o empurre]*, *soltar uma notícia bombástica*, em que o foco é sobre o que se solta – o corpo, gases, a porta, o carro, uma notícia). Mais uma vez, dois perfilamentos são possíveis: “saltar” perfila apenas o corpo, subfocalizando o ponto de referência, enquanto “soltar” pode perfilar o corpo ou o ponto de referência, que é sempre um impedimento potencial ao movimento.

A terceira motivação é de caráter aspectual. Retomando a distinção acima entre “soltar” e “largar” com base no fim da liberação que caracteriza o EI compartilhado entre tais verbos, passo a poder tratar, também em termos experienciais, a relação entre “soltar” e “largar”, de um lado, e “pegar” e “prender”, de outro. Dessa forma, pode-se dizer que “pegar” incide, com aspecto pontual, sobre o mesmo que “soltar” e “largar” quando se trata de “algo ou alguém sobre o qual se tem controle” (ex.: *pegar o leão que foi solto por engano/ pegar o copo que foi largado antes que batesse no chão*) enquanto “prender” incide, com aspecto estativo, sobre o mesmo que “soltar” e “largar” quando se trata de “algo ou alguém sobre o qual se tem controle” (ex.: *prender o leão que foi solto por engano/ prender o copo no escorredor para que não caia de novo*). Tendo em vista que a relação entre alguém e um meio de transporte se caracteriza pela presença de controle e pelo aspecto pontual, explica-se por que “soltar” ocorre mais que “saltar” no contexto em questão, onde “prender” obviamente não se aplica para indicar a entrada num meio de transporte, uma vez que a relação de interioridade só se aplica a “pegar”. E o mesmo olhar normativo que condena que se diga “soltar do ônibus” admite que se diga “pegar o ônibus”.

Por fim, uma observação sobre a dimensão sintática do fenômeno, evidenciado pela ocorrência da preposição “de” com ambos os verbos no contexto em questão. Conforme Ilari, Castilho & Almeida (2008), diferentes preposições correspondem a diferentes esquemas imagéticos, o que sugere haver compatibilidade entre o EI caracterizado pelo verbo e o EI caracterizado pela preposição e abre espaço para o estudo da complementação/adjunção em termos menos centrados na condição do verbo com predador e mais centrados na condição do verbo e da preposição como integrantes de uma construção gramatical (Goldberg: 1995, 2006).

Do ponto de vista centrado na predicação, temos um verbo intransitivo (*saltar*) e um verbo transitivo direto (*soltar*) e uma preposição (*de*) que poderia ocorrer com o primeiro como cabeça de adjunto, mas não com o segundo, a menos que se postule uma estrutura reflexiva, em que a preposição também encabeçaria um adjunto, como em “soltar(-se) do ônibus”. De qualquer forma, a relação entre a preposição e o verbo dificilmente seria tratada no âmbito da complementação, e sim no da adjunção.

Do ponto de vista centrado na construção gramatical, podemos dizer que há uma única construção, semanticamente definida pela sua função de indicar formas de sair, em que cada verbo, como defendemos neste artigo, faz uma contribuição diferente. Neste caso, parece-nos haver menos dificuldade em explicar a relação entre o verbo e a preposição e situar a distinção complementação/adjunção numa esfera mais ampla que a do sintagma: o da construção gramatical.

Essa seria outra análise extremamente enriquecedora ao exame da escolha lexical em questão, mas que também vai além dos limites deste artigo.

4. CONCLUSÃO

Diante do fato de que falantes do português do Brasil usam tanto o verbo “saltar” quanto o verbo “soltar” em relação a meios de transporte, este artigo se dedica a explicá-lo de acordo com os pressupostos da Linguística Cognitiva. Dentre esses estão dois dos que Ferrari (2009: 13-26) destaca: “I) O significado linguístico reflete processos de perspectivização” – daí a remissão à cena cognitiva composta por alguém que sai de um meio de transporte – e “II) O significado linguístico é baseado no uso e na experiência” – daí a importância do conhecimento que o fornece quanto às características dos meios de transporte relevantes à interação verbal. Nesse quadro teórico, as três motivações semânticas apresentadas reforçam a concepção de gramática como semanticamente motivada e a concepção de léxico como rede em que os itens lexicais correspondem a indicadores de possíveis recortes da cena cognitiva que delimita a moldura em que os itens se conectam.

SALTAR/SOLTAR: A COGNITIVE APPROACH TO LEXICAL CHOICE

ABSTRACT: In this paper, I present three semantic motivations for the co-occurrence, in Brazilian Portuguese, of the verbs “soltar” and “saltar” in connection with means of transportation (like bus, train and subway) from a Cognitive Linguistics perspective. Based on the concept of image schema, the first motivation concerns the path the moving body follows in space, the second concerns the relationship between the body and space, and the third concerns the duration of the movement of the body in space. Before that, I make some remarks on the concepts of lexicon.

KEYWORDS: lexical semantics, image schema, Cognitive Linguistics

5. BIBLIOGRAFIA

- BASILIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BASILIO, Margarida. Polissemia sistemática em substantivos deverbais. In OLIVEIRA, Roberta Pires de Oliveira & Nicolacópulos, Apóstolo (Org.). *Semantics: Lexicon, Grammar and Use*, nº 47. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 49-71, 2004.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Chicago: The University of Chicago Press, reimpressão de 1997 [1933].
- DI SCIULLO, Anna Maria & WILLIAMS, Edwin. *On the definition of word*. Linguistic Inquiry Monograph 14. Massachusetts: MIT Press, 1987.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. Conceptual integration networks. In GEERAERTS, Dirk (Ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- FERRARI, Lilian. Linguística Cognitiva: pesquisas recentes e aplicações interdisciplinares. In FERRARI, Lilian (Org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.
- GIBBS, R. W. & COLSTON, H. L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics* 6(4), p. 347-378, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In HALLE, M. & KEYSER, S. J. (Org.) *The view from building 20. Linguistics essays in honor of Sylvain Bromberger*. Massachusetts: MIT Press, p. 111-176, 1993.
- HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Some key features of Distributed Morphology. In *MIT Working Papers 21. Papers on Phonology and Morphology*. Massachusetts: MIT Press, p. 275-288, 1994.
- ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. A preposição. In ILARI, Rodolfo & NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, v. 2, p. 623-808.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University Press, 1987.
- LAKOFF, George. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Groups, 1999.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar. Vol. I: theoretical prerequisites*. Stanford: University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar. Vol. II: descriptive application*. Stanford: University Press, 1991a.

LANGACKER, Ronald. *Concept, image and symbol. The cognitive basis of grammar*. New York, Berlin: Mouton de Gruyter, 1991b.

MATTHEWS, Peter. *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.